

CARACTERÍSTICAS SOCIOECONÔMICAS DOS RIBEIRINHOS NO RIO PARAGUAI, MUNICÍPIO DE CÁCERES, PANTANAL MATO-GROSSENSE – BRASIL

SOCIOECONOMIC CHARACTERISTICS OF THE RIPARIANS ON THE PARAGUAY RIVER, THE CITY OF CÁCERES, PANTANAL – BRAZIL

Selma Beatriz Sala de ARRUDA¹
Leila Nalis Paiva da Silva ANDRADE²
Célia Alves de SOUZA³
Jean da Silva CRUZ⁴
Gustavo Roberto dos Santos LEANDRO⁵

Resumo: A pesca é uma das atividades mais antigas desenvolvidas pelo homem, garantindo-lhe alimento rico e nutritivo, além de se transformar em recurso financeiro a partir da venda do pescado. Os pescadores, na maioria dos casos, vivem em comunidades à beira dos recursos hídricos; entretanto, essas comunidades vêm enfrentando sérios problemas quanto às condições da pesca e, em virtude dessa realidade, justifica-se a abordagem dessa temática. Nesse sentido, o presente estudo teve por objetivo abordar as características socioeconômicas das famílias ribeirinhas do rio Paraguai, município de Cáceres – Mato Grosso. A metodologia de pesquisa foi de cunho quali-quantitativo, desenvolvida em várias fases: levantamento bibliográfico, trabalho de campo para coleta de dados, sistematização, análise dos dados e contextualização. A realização das análises, por meio da aplicação de entrevistas e de questionários, possibilitou identificar a principal renda, os benefícios e os incentivos governamentais para os ribeirinhos, a faixa etária da população, sexo e escolaridade. Os resultados do presente estudo evidenciaram que os pescadores ribeirinhos são em sua maioria do sexo masculino, com pouca escolaridade, entre 45 a 50 anos, cujas famílias são compostas na maioria dos casos de duas a quatro pessoas, sobrevivendo com uma renda mensal de um salário mínimo. As famílias vêm passando por inúmeras situações adversas, como a falta de peixes no rio, o que contribui para a redução dos recursos econômicos dessas pessoas, comprometendo também suas relações culturais e sociais.

Palavras-chave: Rio Paraguai; Ribeirinhos; Características socioeconômicas.

¹ Graduada em Geografia pela Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT. lapegeofunemat@hotmail.com

² Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT e professora do Departamento de Geografia da universidade supracitada. leilanalis@hotmail.com

³ Doutora em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Professora do Departamento de Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT. celiaalvesgeo@globo.com

⁴ Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT e professor no Departamento de Geografia da universidade supracitada.

⁵ Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense – UFF. Professor no Departamento de Geografia da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT. gustavogeociencias@hotmail.com

Abstract: Fishing is one of the oldest human activities by man and has ensured it a rich and nutritious food, and become financial resources through the sale of fish. The fishermen, in most cases, live in the communities in border water resources. However, these communities have been facing serious problems regarding the fishing conditions and, in view of this fact, it is justified to approach this subject. In this sense, the present study aimed to approach the socioeconomic characteristics of the riverine families on the Paraguay River, in the city of Cáceres - Mato Grosso. The research methodology was quali-quantitative being developed in several phases: literature survey, field work for data collection, organization, data analysis and contextualization. The time of analysis, through the application of interviews and questionnaires, enabled us to identify the main income, benefits and government incentives for riparian, the age of the population, gender and education. The results of this study showed that coastal fishermen are mostly male, poorly educated, between 45 to 50 years whose families are composed mostly for 2-4 people, and survive on a monthly income of minimum wage. Families come through many adverse situations, such as the lack of fish in the river, which contributes to the reduction in the financial resources of the families, also compromising their cultural and social relations.

Keywords: Paraguay River; Riparian; Socioeconomic characteristics.

Introdução

Nos primórdios da nossa colonização, a ocupação dos lugares iniciava-se, preferencialmente, às margens dos rios, tendo em vista que eram as principais vias de transporte e de comunicação. Segundo Costa (2001, p. 1), “em Mato Grosso, no início do século XVIII, bandeirantes paulistas adentrando em direção oeste do Brasil descobriram ouro às margens dos rios que foram denominados de Coxipó e Cuiabá”; formaram nesses locais os primeiros núcleos de exploração de ouro e de povoamento da região de Cuiabá, em 1719. A partir de então se sucederam várias entradas e descobertas de novas minas de ouro na região do Alto rio Paraguai, ao norte de Cuiabá e no Vale do Guaporé, a oeste.

Historicamente, a população se estabelecia às margens dos rios para fazer a extração mineral, desenvolver sua agricultura de subsistência e praticar a pesca, que era a principal fonte dos alimentos das comunidades que formaram os primeiros núcleos de povoamento do estado.

Atualmente, a pesca é amplamente realizada no contexto esportivo no pantanal mato-grossense. Comunidades ribeirinhas, que tradicionalmente sobrevivem da pesca artesanal, constroem ali sua cultura estritamente ligada ao rio. Ferreira (1995) destaca que “pescar para o homem da beira do rio é mais do que uma opção de trabalho, é seu referencial básico”.

Os ribeirinhos, no contexto geral, são caboclos que vivem às margens dos rios de onde tiram o seu principal sustento por meio da pesca artesanal. Cultivam pequenas roças, como a mandioca, a banana e as leguminosas para o consumo próprio e, não raramente, extraem vegetais da selva como o palmito (PINHEIRO et al., 2012, p. 3).

Alguns estudos foram realizados sobre a cultura dos ribeirinhos como os de Ferreira (1995), que abordou a questão dos saberes dessas pessoas no rio Cuiabá; Lima (1995) trabalhou no rio Paraguai os costumes dos ribeirinhos; Costa (2009) centrou suas pesquisas no rio Teles Pires e Silva (2011) no rio Paraguai; ambos os autores pesquisaram sobre a percepção ambiental.

O rio Paraguai atravessa a cidade de Cáceres, local de realização do presente estudo, portanto é à beira do rio que muitas famílias de ribeirinhos buscam se instalar; contudo, em virtude de diversas situações, essas famílias estão se afastando do entorno do rio e instalando-se em outros locais e, por esse deslocamento, modificam também seus modos tradicionais de

viver o dia a dia. A escassez de peixes, que atualmente ocorre no rio Paraguai, vem deixando essas famílias em condições precárias, tanto no que concerne aos aspectos socioeconômicos, quanto aos culturais, tendo em vista que se distanciam dos costumes originais, principalmente a população mais jovem. Compreender a cultura, os usos, os costumes e a fonte econômica dos ribeirinhos, é extremamente importante para viabilizar projetos que integrem as pessoas dessas comunidades à economia local, minimizando os problemas advindos da escassez do peixe.

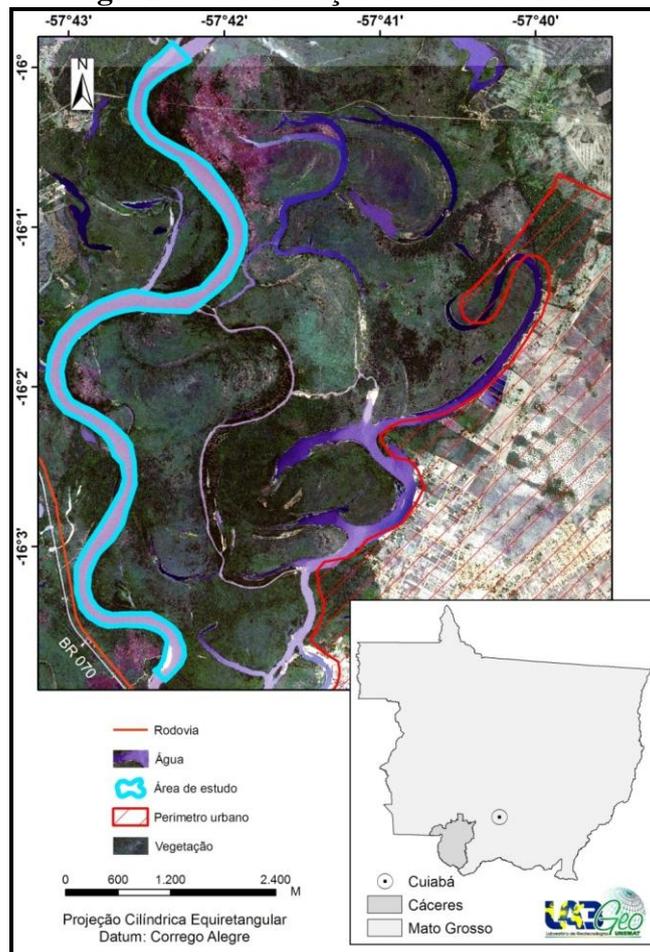
Nessa perspectiva, esta pesquisa teve por objetivo principal analisar as condições de vida dos ribeirinhos residentes às margens do rio Paraguai, da Barra do Cabaçal até a localidade da Rocinha, em Cáceres, Estado de Mato Grosso, avaliando os hábitos tradicionais, a economia e as consequências ocasionadas pela escassez de peixe.

Material e métodos

Área de estudo

O estudo foi desenvolvido no rio Paraguai entre a foz do rio Cabaçal e a localidade da Rocinha, entre as coordenadas geográficas de 16° a 16°3' S e 57°40' a 57°43' W no município de Cáceres-Mato Grosso (figura 1).

Figura 1 – Localização da área de estudo



Fonte: os autores

Procedimentos metodológicos

O estudo foi realizado em várias etapas: levantamento bibliográfico, trabalho de campo, sistematização e análise dos dados.

Trabalho de campo

Para realizar o trabalho de campo, foi organizado um roteiro de reconhecimento da área de estudo, quando foram elaboradas previamente perguntas para as entrevistas com os ribeirinhos. Segundo Boni e Quaresma (2005, p. 69), a entrevista é uma técnica de coleta de dados utilizada em pesquisas nas ciências sociais que visam a complementar a busca de informações sobre os temas pesquisados.

Haguette (1997) define a entrevista como um processo de interação social entre duas pessoas na qual uma delas, o entrevistador, tem por objetivo a obtenção de informações por parte do outro, o entrevistado.

Para Boni e Quaresma (2005, p. 72):

A entrevista como coleta de dados sobre um determinado tema científico é a técnica mais utilizada no processo de trabalho de campo. Através dela os pesquisadores buscam obter informações, ou seja, coletar dados objetivos e subjetivos. Os dados objetivos podem ser obtidos também através de fontes secundárias tais como: censos, estatísticas, etc. Já os dados subjetivos só poderão ser obtidos através da entrevista, pois, eles se relacionam com os valores, às atitudes e às opiniões dos sujeitos entrevistados.

Segundo Boni e Quaresma (2005, p. 72), as formas de entrevistas mais utilizadas em Ciências Sociais são as estruturadas, aberta, entrevistas em grupos focais, história de vida e também a entrevista projetiva. A técnica de entrevista adotada para a composição da coleta dos dados foi a história de vida, aliada à pesquisa estruturada, também denominada de questionário estruturado.

Segundo Minayo (1993), a Pesquisa História de Vida (HV) corresponde a uma entrevista em profundidade na qual o pesquisador constantemente interage com o informante; sua principal função é retratar as experiências vivenciadas por pessoas, grupos ou organizações. Existem dois tipos de HV: a completa, que retrata todo o conjunto da experiência vivida e a tópica que focaliza uma etapa ou um determinado setor da experiência em questão.

Para Boni e Quaresma (2005, p. 73):

A HV tem como ponto principal permitir que o informante retome sua vivência de forma retrospectiva. Muitas vezes durante a entrevista acontece a liberação de pensamentos reprimidos que chegam ao entrevistador em tom de confiança. Esses relatos fornecem um material extremamente rico para análise. Neles se encontram o reflexo da dimensão coletiva a partir da visão individual.

Aplicação dos questionários

Para realização da presente pesquisa, aplicaram-se questionários semiestruturados, com perguntas abertas e fechadas a 15 famílias ribeirinhas no período de setembro a outubro

de 2012, cujas respostas forneceram as informações necessárias, as quais possibilitaram identificar a principal renda, benefícios e incentivos governamentais, a faixa etária da população, o sexo e a escolaridade.

Optou-se por entrevistar apenas moradores com mais de 18 anos do local, pois se subentende que tenham maior conhecimento da importância da pesca. O estudo foi realizado com pessoas que descreveram as atividades desenvolvidas e as dificuldades enfrentadas por elas, dentro do cenário analisado. Segundo Neves (1996, p.1), “grande parte das pesquisas qualitativas são realizadas no local de origem dos dados, e o pesquisador pode empregar o conhecimento empírico”.

A pesquisa sobre as características socioeconômicas dos ribeirinhos que vivem às margens do rio Paraguai, na localidade da Barra do Cabaçal a Rocinha é de cunho bibliográfico, aliada à pesquisa quali-quantitativa.

Tratamento das respostas

Após a leitura de cada questionário, puderam-se elaborar categorias para enquadramento das respostas de algumas questões abertas, seguindo a recomendação de Ludke e André (1986).

A classificação e a organização dos dados foram preparadas para que o estudo fosse abordado de forma mais clara e coerente, empregando a categorização para amplificar a capacidade de análise dos dados qualitativos obtidos e apresentados na forma de gráficos e quadros.

Resultados e discussão

Caracterização da área

Em visitas realizadas à área de estudo, constatou-se que, quanto aos aspectos físicos no trecho analisado do rio Paraguai, apresentam-se alguns corixos, baías e muita vegetação em suas margens. Há evidência de problemas ambientais, como compactação e erosão dos solos devido ao uso inadequado, assoreamento, desmatamentos e destruição de mata ciliar causados por pessoas que procuram lugares calmos nos finais de semana para lazer.

Na área há inúmeras espécies de vegetação, tanto rasteiras, como árvores de pequeno porte, características das áreas pantaneiras, além da vegetação aquática, também denominada por macrófitas aquáticas.

As principais espécies de vegetação de médio porte encontradas na área em análise são as sarazeiro ou sarã de leite (*Sapium obovatum*), sardinheira (*Laetia anericana*), goiabinha (*Psidium nutans*), ingá (*Zygia inaequalis*). Em relação à vegetação aquática, observa-se especialmente a orelha de onça (*Salvinia auriculata*).

Segundo Castrillon (2011, p. 12), essas são as espécies mais comuns encontradas às margens do rio Paraguai. No que tange à fauna, há animais como capivara, jacaré, ariranha e peixes, além de diversas espécies de pássaros como o tuiuiú, a garça, a arara azul e o tucano, dentre outros.

Pesca

Em Cáceres, a pesca é realizada nas modalidades de subsistência, profissional e desportiva (SILVA, 2011). A pesca de subsistência faz parte da cultura local, sendo praticada pela população em geral, principalmente nos finais de semana, pelos ribeirinhos.

A pesca desportiva tem crescido nos últimos anos com o Festival Internacional de Pesca (FIP); todavia, a pesca profissional é exercida pelos associados da Colônia de Pescadores Z-2, sendo que uma pequena parcela das famílias desses pescadores associados à Colônia Z-2 ainda vivem às margens do rio Paraguai, ou seja, também são ribeirinhos, como é o caso das famílias abordadas pela presente pesquisa (SILVA; SOUZA, 2012).

Os ribeirinhos que vivem entre a barra do Cabaçal e a Rocinha no rio Paraguai são pessoas simples, de pouca escolaridade, que moram em residências muito rudimentares (figura 2), e a pesca é a principal atividade econômica que praticam.

Figura 2 – Residências de algumas famílias ribeirinhas



Fonte: os autores

Bezerra e Oliveira (2011) lembram que a Colônia de Pescadores Z-2 desempenha uma importante função para a população ribeirinha de pescadores profissionais, que atualmente conta com 450 pescadores associados, que praticam a pesca artesanal, nos rios Paraguai, Jauru, Cabaçal e Sepotuba.

É visível que os pescadores artesanais, denominados em sua maioria como ribeirinhos, atravessam uma situação de grande dificuldade no município de Cáceres, em virtude das pressões exercidas pelo turismo mal planejado e pelas diferentes condições estruturais utilizadas para a captura do pescado.

O pescador artesanal ou ribeirinho utiliza materiais de pesca sempre artesanais, construídos por eles mesmos. Os turistas possuem barcos bem equipados e infraestrutura pesqueira para realizarem a pesca esportiva, condições muito superiores às dos ribeirinhos

Na modalidade da pesca desportiva, outros profissionais beneficiam-se com essa atividade, dentre eles, os catadores de iscas, locatários de barcos, donos de restaurantes e hotéis e outras atividades relacionadas à pesca. Em contrapartida, os pescadores profissionais e os ribeirinhos sofrem com a falta de peixe nos rios e carecem de estrutura que possibilite a captura desses poucos peixes que ainda restam, tornando o exercício da pesca muito difícil,

por se tratar atualmente de uma atividade pouco lucrativa e altamente inviável.

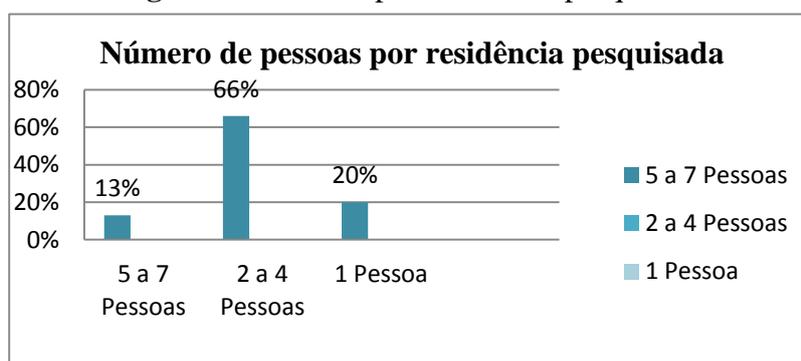
Sobre isso, Netto e Mateus (2009) destacam que o tipo de embarcação reflete o poder econômico dos pescadores de cada categoria. Os pescadores profissionais dependem de financiamento para compra ou construção de barcos de médio porte, de arrendamento da embarcação de terceiros ou utilizam embarcações de pequeno porte, de fabricação artesanal.

Análise socioeconômica dos pescadores

A análise dos dados coletados pela pesquisa levou à constatação de que na área de estudo vivem 40 famílias, perfazendo o total de 96 pessoas, sendo que desse número 56 são do sexo masculino e 40 do sexo feminino. Das 40 famílias, 15 foram abordadas durante a pesquisa, sendo que foi entrevistado apenas um membro de cada família.

Na composição do número de pessoas por residência, 20%, ou três pessoas, moram sozinhas; 66%, ou dez famílias, têm entre duas e quatro pessoas; 13%, ou duas famílias, compõem-se de cinco a sete pessoas (figura 3).

Figura 3 – Pessoas por residência pesquisada



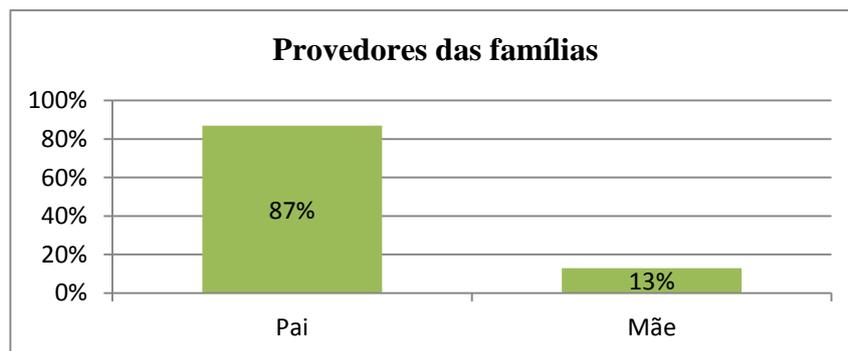
Fonte: dados obtidos pela pesquisa.

Esses números retratam a realidade atual das famílias brasileiras de um modo geral, as quais, segundo dados do IBGE (2010), a cada dia estão sendo compostas por um percentual menor de integrantes, ou seja, os casais estão tendo menos filhos. A mesma fonte de pesquisa concluiu que quanto mais baixa a escolaridade, mais alta é a média por mulheres; todavia, esse percentual não passa do número de três filhos, para quem não concluiu o ensino fundamental ou não tem instrução alguma.

Os dados também se devem ao fato da faixa etária de 53% dos entrevistados estarem acima de 46 anos. Encontra-se, igualmente, outra realidade apresentada pelo IBGE (2010) em relação às famílias brasileiras: a cada dia cresce mais o número de pessoas que vivem sozinhas.

Predominam como provedores das casas as pessoas do sexo masculino em 13 das residências pesquisadas, o equivalente a 87%; apenas dois lares são providos por pessoas do sexo feminino, o que corresponde a 13% (figura 4). Desses números, o equivalente a 73%, apenas 11 famílias são escolarizadas e possuem o ensino fundamental e 27%, quatro famílias, os responsáveis por elas são analfabetos.

Figura 4 – Provedores das famílias



Fonte: dados obtidos pela pesquisa.

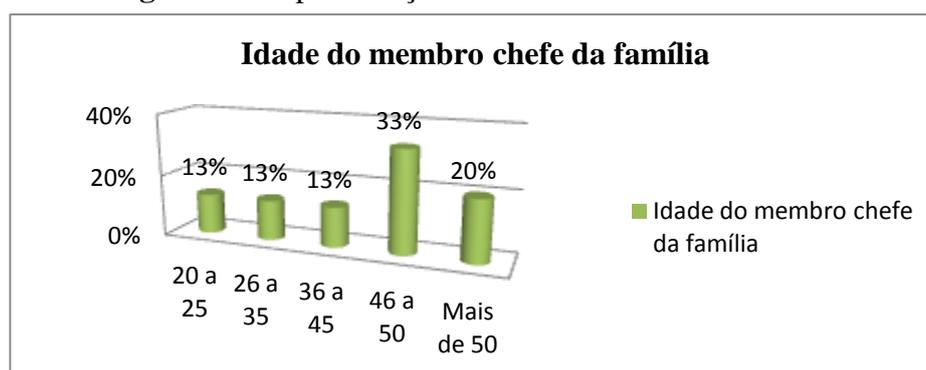
No que tange à questão de gênero, o presente estudo revelou uma grande semelhança com a pesquisa realizada por Costa (2006), cujo objeto de estudo foi os pescadores da Colônia Z-16 localizada em Alta Floresta. Em um universo de 20 pescadores, 17 pessoas, ou seja, 85%, são do sexo masculino e apenas três dos entrevistados, 15%, pertencem ao sexo feminino.

Para Costa (2006, p. 74):

Provavelmente a maior representatividade dos homens na pesquisa seja pelo fato desta ser uma profissão tradicionalmente considerada masculina, sendo que somente agora as mulheres estão começando a desenvolver tal atividade juntamente com seus maridos [...].

A pesquisa também identificou as idades dos participantes, quais sejam: 13% dos entrevistados possuem entre 26 a 35 anos; 13% os que têm entre 36 a 45 anos. Somou-se 26% entre 26 a 45 anos, sendo que a faixa etária que mais aparece na pesquisa está entre 46 a 50 anos, 33% dos pesquisados. Os que possuem mais de 50 anos somaram 20% (figura 5).

Figura 5 – Representação da idade do membro chefe da família



Fonte: dados obtidos pela pesquisa.

A partir dos dados apresentados, fica evidente que a profissão de pescador é uma atividade que atualmente não vem sendo exercida por pessoas mais jovens.

De acordo com o Ministério da Pesca e Agricultura (2011, p. 1):

No que tange à distribuição etária dos pescadores profissionais, nota-se que a faixa de 30 a 39 anos de idade apresenta o maior número de registros, com

221.804 pescadores, correspondendo a 26,6% do total do país. A segunda faixa etária com maior número de pescadores foi a de 40 a 49 anos de idade, com 214.763, referente a 25,8% do total nacional. Além disso, observa-se também expressiva quantidade de pescadores nas faixas de idade entre 50 e 59 anos, com 158.665, e entre 20 e 29 anos, com 176.032, respondendo por 19,1% e 21,1%, respectivamente, do total desses profissionais do país.

Assim, o presente estudo identificou que o número de pessoas com a média de 46 a 50 anos e com mais de 50 anos é superior à média dos que possuem 20 a 25, 26 a 35 e 36 a 45 anos, que juntos somaram 39%.

O Ministério da Pesca e Agricultura compreende que:

Esses números revelam que, no geral, a categoria pescadora do país é composta por pescadores mais velhos, uma vez que mais da metade (51,1%) tem 40 anos ou mais. Este fato é ainda mais marcante quando se observa que cerca de 77,8% dos pescadores possuem 30 anos ou mais, o que demonstra que apenas 22,2% de todos os pescadores profissionais do país tem menos de 30 anos de idade (BRASIL, 2011, p. 1).

Quanto à escolaridade dos participantes da pesquisa, 27% correspondem a analfabetos (quatro pessoas) e 73% (11 pessoas) concluíram apenas o ensino fundamental (figura 6).

Figura 6 – Nível de escolaridade dos membros chefes das famílias



Fonte: dados obtidos pela pesquisa.

Mais uma vez, observa-se uma semelhança com o estudo de Costa (2009, p. 74): “em um universo de 20 pescadores, 15 % são analfabetas; 60%, concluíram o primário, 20% de cursaram o ensino fundamental e apenas 5% possui o ensino médio.”

Sobre essa realidade, é importante lembrar que: “os maiores desafios da pesca artesanal estão relacionados à participação nas organizações sociais, ao alto grau de analfabetismo e baixa escolaridade, ao desconhecimento da legislação na base, aos mecanismos de gestão compartilhada e participativa da pesca” (BRASIL, 2011, p. 1).

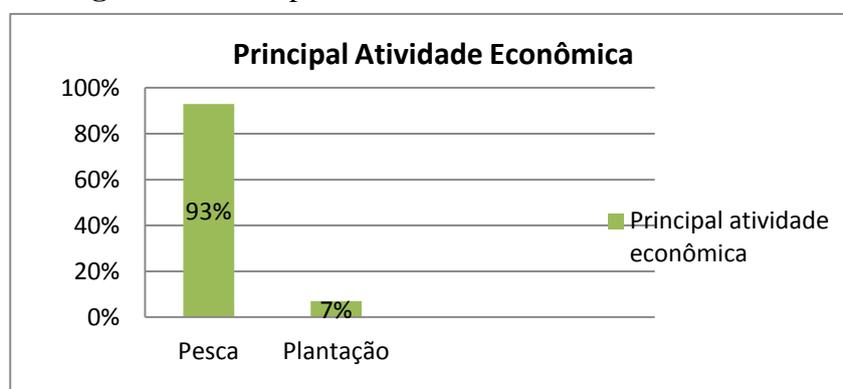
Costa (2009, p.74) aponta também que “os motivos que levam estes homens a se tornarem pescadores é principalmente o fato de não terem uma profissão fixa”. Dessa forma, os resultados dos estudos realizados por Costa (2009) evidenciaram que, em algum momento da vida desses homens, faltaram-lhes oportunidades de emprego. Passaram, então, a pescar, pois o meio ambiente, sobretudo por meio da pesca, garante-lhes a oferta do trabalho, da renda e alimentação.

É importante mencionar a questão da falta de escolarização. Brugger (2006) descreve que a educação não é um conjunto abstrato de valores ou de conhecimentos desvinculados da estrutura histórica e da vida espiritual de uma sociedade; porém, reflete seus valores nos mais

diversos aspectos e dimensões. Brandão (2001), versando sobre o mesmo aspecto, aponta que a educação só pode existir quando é livre e, entre todos, pode ser uma das maneiras que as pessoas criam para tornar comum os saberes, as ideias, as crenças, aquilo que é comunitário ou comum ao trabalho e à vida. Costa (2009) destaca que a educação está permanentemente na vida humana, com ou sem professor, com ou sem escola, em cada dia, em cada lugar, em cada relação, basta querer percebê-la presente.

A principal atividade econômica dos ribeirinhos é a pesca artesanal, resultando a eles um salário mínimo mensal. Dentre as atividades econômicas, 7% dos ribeirinhos praticam também a agricultura, tais como o cultivo de mandioca, hortaliças, entre outros, apenas como cultura de subsistência e não para comercialização; porém, 93% dos entrevistados praticam apenas a pesca (figura 7).

Figura 7 – Principal atividade econômica dos ribeirinhos



Fonte: dados obtidos pela pesquisa.

Vale ressaltar que a renda é a maior semelhança observada em relação ao estudo feito por Costa (2009, p. 77), que também buscou averiguar a realidade sobre a renda mensal dos pescadores: “segundo os informantes a renda familiar é em média um salário mínimo por mês.” A média salarial alcançada por meio da pesca pelas famílias dos pescadores é muito baixa, sobretudo considerando-se que grande parte dessas residências são providas apenas pela renda advinda dessa atividade.

Experiência e vivência dos pescadores

A população de Cáceres tem uma relação muito forte com o rio Paraguai, que é utilizado para lazer, pesca profissional, pesca para consumo, principalmente pela população mais carente, que depende do peixe para alimentação (SILVA; SOUZA, 2012, p. 138).

Foi perguntado aos entrevistados: quais os usos ou costumes observados no cotidiano das famílias ribeirinhas? Dentre os entrevistados, sete pessoas apontaram como principal ritual do pescador ribeirinho a ação de pescar. Outra situação que chamou a atenção nessas falas foi a revelação de que também fabricam seus materiais de pesca como as canoas, os remos, igualmente realizando a manutenção desses instrumentos de trabalho.

Os ribeirinhos geralmente pescam embarcados em pequenas canoas, em locais próximos às baías e aos corixos para facilitar o deslocamento e o transporte dos peixes, mas constantemente praticam a pesca de barranco, sendo uma prática marcante na paisagem ribeirinha do rio Paraguai.

Na pesca de barranco o pescador fica em terra, atividade praticada durante o dia e em qualquer fase lunar “[...] onde capturam espécies de peixes de menor porte como as pacupevas (*Mylossoma Paraguayensis*), piraputangas (*Brycon microlepis*) piau (*Leporinus ssp.*), piavuços (*Leporinus macrocephalus*) e bagres (*Genidens genidens*)” (VIANA, 2008, p. 46).

Três dos entrevistados apontaram como principal ritual a venda do pescado. Nessas transcrições fizeram também referências à compra de alimentos; quatro dos entrevistados disseram que seus rituais mais comuns são: “reunir-se nos finais de semana nas casas para falar das pescarias e fazer uma boa peixada”. “Acampar às margens do rio” apareceu apenas uma vez, ou seja, foi apontado como ritual do dia a dia por apenas um entrevistado (quadro 1).

Quadro 1 – Usos e costumes observados no cotidiano dos ribeirinhos

Família	Entrevistados
07	O de sempre, só pescar, consertar e fazer seus próprios materiais como canoa, remos, tarrafas, arranjar os anzóis e plantar para ter os temperos quando do preparo dos peixes.
03	Vender o peixe e fazer a compra de alimentos.
04	Reunir-se aos finais de semana nas casas para falar das pescarias e fazer uma boa peixada.
01	Acampar às margens do rio.

Fonte: dados obtidos pela pesquisa.

Claval (1999, p. 63) observa que “a cultura é a soma dos comportamentos, dos saberes, das técnicas, dos conhecimentos e dos valores acumulados pelos indivíduos durante suas vidas e, em outra escala, pelo conjunto dos grupos de que fazem parte”.

De acordo com Ferreira (1995, p. 20), as famílias ribeirinhas tecem, ao longo da sua história, relações diretas entre os indivíduos e com o meio ambiente, a fim de garantir a satisfação das necessidades individuais e dos grupos, desde as mais básicas, até as mais complexas.

Os relatos de sete entrevistados revelam que a cultura do ribeirinho está se perdendo (quadro 2). Conclui-se que, por razões de ordens econômicas, sociais e culturais, esses saberes, técnicas, conhecimentos e valores não estão sendo repassados de pais para filhos. Igualmente as festas sacras também estão sendo esquecidas e acabando assim com a cultura geral.

Em relação à região de Cáceres, de acordo com Lima (2004, p. 28), a pesca de subsistência é parte integrante da cultura regional, sendo praticada principalmente pelos ribeirinhos; porém, com intensa participação da parcela mais pobre da cidade, como alternativa de fonte de proteína à área urbana.

Dois dos entrevistados disseram que, como parte da cultura dos ribeirinhos, restam apenas os rituais do dia a dia como construir remo, canoa, tarrafas, pescar e plantar roça para o sustento da família (quadro 2).

Quatro dos entrevistados em seus relatos buscaram explicar os principais fatores que influenciam para que a cultura do ribeirinho esteja acabando. Acreditam que se deva ao fato de que muitos mudaram para a cidade, começaram a trabalhar em outra profissão, como pode ser percebido nos seguintes trechos: “tudo se perdeu, porque muitos mudaram para a cidade, começaram a trabalhar em outra profissão” (quadro 2).

De acordo com o Ministério da Pesca e Agricultura (2011, p. 1):

A pesca é uma das atividades produtivas mais antigas da humanidade. Os recursos pesqueiros marítimos, costeiros e continentais constituem importante fonte de renda, geração de trabalho e alimento e têm contribuído para a permanência do homem sem seu local de origem.

A diminuição dos peixes e, conseqüentemente, a redução das fontes de rendas aumentam as dificuldades enfrentadas pelos ribeirinhos do município de Cáceres, explicando o fato do número de famílias ribeirinhas estar diminuindo no município. Se a abundância desses recursos contribui para a manutenção do homem em seu local de origem, em contrapartida, a redução desses meios afasta o homem das suas origens, em todos os sentidos, ou seja, sociais, culturais e econômicos.

Algumas frases isoladas também foram percebidas; porém, possuem grande importância para a compreensão acerca do modo de vida dos pescadores ribeirinhos, assim como para conhecer fragmentos dessa cultura que está se acabando. As repostas dizem que “muitos gostavam de se reunir as famílias nos finais de semana para contar histórias, versos e falar das pescarias.” Outro entrevistado relata que “variam, mas o melhor são as festas de santo, onde se encontram com os amigos, mas hoje são poucas”. Como é possível perceber, são lembranças mais presentes no passado dos ribeirinhos; porém, segundo essas pessoas, ainda acontecem certas atividades, mesmo com pouca frequência (quadro 2).

Quadro 2 – Das culturas presentes na vida dos ribeirinhos

Família	Entrevistados
07	Hoje não tem mais, o que resta ta muito fraca, até as festas de santo estão se acabando, hoje só restam lembranças.
02	Nossos rituais do dia a dia é fazer canoa, remos, tarrafas, planta roças e cuida das criações.
01	Muitos gostavam de se reunir aos finais de semana e contar histórias, falar versos e falar de pescaria.
04	Tudo se perdeu, por que muitos mudaram para a cidade, começaram a trabalhar em outra profissão.
01	Variam, mas o melhor são as festas de santo, onde se encontra com os amigos, mas hoje são poucas.

Fonte: dados obtidos pela pesquisa.

Dentre as principais dificuldades que a família ribeirinha vivencia no dia a dia da atividade pesqueira, as que mais os afetam são a falta do peixe e a questão do turismo. Os turistas com embarcações mais adequadas praticam a pesca predatória, levam grande quantidade do pescado para fora da cidade, bem como as embarcações motorizadas destroem vegetações aquáticas (aguapés) que servem de refúgio para algumas espécies (quadro 3).

Nesse caso, pode-se fazer uma relação direta entre a forma como a pesca vem sendo praticada nesse trecho do rio. Os turistas adotam o modelo de exploração pesqueira extrativista que prejudica a atividade pesqueira de diversas formas. Os barcos de turismo possuem mais recursos, portanto são muito melhores que os pequenos barcos e as canoas dos pescadores. A estrutura diferenciada dessas embarcações maiores possibilita-os pescarem em larga escala, sem que haja um controle mais eficiente em relação ao tipo, tamanho e quantidade de pescado, comprometendo a continuidade da pesca artesanal na região. Nesse sentido, é necessário existir uma forma de turismo mais sustentável, gerenciada pelo poder público, que deveria fiscalizá-la, cuidando para não prejudicar a economia local ou a proteção ambiental.

Deve-se impedir que as práticas turísticas interfiram negativamente na vida dos pescadores profissionais, pois o turista é importante; porém, o foco deve ser o pescador ribeirinho que sempre se sustentou do rio, adora o que faz e deseja continuar a realizar suas pescarias, sustentando suas famílias e sendo felizes junto ao rio Paraguai. Muito mais que uma profissão, a pesca é, para a grande maioria dos ribeirinhos, um modo de vida, que precisa ser preservado. Pouco resta da cultura original dos ribeirinhos, que deve ser preservada, pois hoje, como podemos perceber, tem-se um povo marcado pela extinção da sua tradição.

Cinco dos entrevistados falam sobre a falta de apoio por parte do governo para a pesca e as dificuldades para comprar barcos a motor (quadro 3). Em relação às dificuldades para comprarem barco a motor, as linhas de créditos não são facilitadas, devido às incertezas da profissão e à falta de incentivo por parte dos bancos públicos e privados que não disponibilizam os créditos necessários para a aquisição de instrumentos de pesca como barcos e redes.

Um dos entrevistados se refere à questão do assoreamento das margens do rio devido à grande quantidade de embarcações de pequeno e grande porte dos turistas e dos pescadores esportivos que contribui para a retirada de vegetação.

Outro problema citado por cinco dos 15 entrevistados, que se apresenta como um dos principais entraves aos profissionais da região é o encarecimento dos materiais de pesca (quadro 3). Sobre essa dificuldade, volta-se novamente para o aumento do turismo e da presença dos turistas na cidade que eleva o valor dos materiais de pesca, e inviabiliza a aquisição desses instrumentos por parte dos pescadores os quais, como mencionado anteriormente, possuem renda média de apenas um salário mínimo por mês.

Quadro 3 – Principais dificuldades enfrentadas pelos ribeirinhos

Família	Entrevistados
04	A falta de peixe, muita gente pescando, a disputa injusta com os barcos de turismo e os turistas.
05	A falta de apoio do governo para a pesca. Temos dificuldades para comprar meio de transporte, barco a motor.
01	O assoreamento das margens do rio.
05	O encarecimento dos materiais de pesca.

Fonte: dados obtidos pela pesquisa.

Ao ser abordado sobre o porquê de serem pescadores, oito dos entrevistados responderam que essa é a profissão que aprenderam com seus pais, por isso gostam de pescar (quadro 4). Verificou-se que vários ribeirinhos se referiram à tradição passada de pais para filhos nas atividades que envolvem a pesca. Essa realidade pode ser confirmada pelos relatos dessas pessoas: “eu sou pescador, meu pai é pescador por gostar da profissão também” e “foi o que aprendi com meus pais”, evidenciando que a pesca é uma profissão tradicional, passada em muitos casos de pai para filhos.

Entre os entrevistados, cinco pessoas mencionaram que pescam porque a cidade não oferece empregos (quadro 4). Essas afirmações levam à compreensão de que pescam por falta de outras opções para conseguirem sustentar a si mesmos e a suas famílias. As razões que levaram os pescadores a adotarem essa profissão relacionam-se à questão da falta de oportunidade de emprego em outras áreas e à falta de geração de empregos na cidade de Cáceres, MT.

Quadro 4 – Fatores condicionantes para a escolha da profissão

Família	Entrevistados
08	Meu pai é pescador, sou pescador sempre gostei de pesca, foi o que aprendi com meus pais, minha família toda sempre viveu da pesca, gosto muito de pesca.
05	Cáceres é uma cidade que não gera emprego, então sobra a pesca como opção, não tenho outra profissão a pesca da de ganha dinheiro, não sei fazer outra coisa a não ser pesca.
02	Por ser bom e por gostar do rio.

Fonte: dados obtidos pela pesquisa.

Dois dos entrevistados deixaram claro que gostam do que fazem, como pode ser percebido a partir dos trechos a seguir: “por ser bom e por gostar do rio” (quadro 4). Mediante essas respostas, percebe-se o carinho pela profissão e pelo rio, ou seja, do local onde praticam a profissão.

Considerações Finais

O estudo analisou o modo de vida das famílias ribeirinhas que vivem às margens do rio Paraguai, no trecho da Barra do Rio Cabaçal à Rocinha. Dessa forma, em Cáceres, a relação entre o homem e o meio ambiente, mais especificamente entre os pescadores e o rio Paraguai, vem de longa data, sendo a pesca responsável pela sustentação de inúmeras famílias, ao longo da história da cidade.

Os resultados apontaram que atualmente essas famílias enfrentam dificuldades para manter suas culturas e costumes tradicionais, principalmente em virtude da diminuição do pescado e da proibição imposta pela lei 9.794/12, que revelou a necessidade de criação e viabilização de projetos socioeconômicos e culturais que busquem apoiar essas famílias.

A diminuição do pescado está diretamente relacionada ao modelo de desenvolvimento adotado pelo setor pesqueiro, que é apenas extrativista, portanto não se preocupando com a reposição do pescado no rio. Frente à dificuldade pela diminuição dos peixes no rio Paraguai, ampliam-se os problemas socioeconômicos e culturais dos pescadores, sobretudo dos ribeirinhos. Ressaltam-se, igualmente, os problemas socioambientais, em especial os que se referem ao rio Paraguai e aos seus afluentes, assim como os demais recursos que abrangem o interior do rio e seu entorno.

É preciso estar atento aos atores da sociedade, que usufruem dos recursos naturais como meio de sobrevivência, ou como meio de lazer. É importante evidenciar que os pescadores não são os únicos, nem os principais agentes de degradação do meio físico e dos recursos ambientais, especialmente do rio Paraguai.

A caracterização dos hábitos culturais e a identificação dos problemas econômicos são fundamentais para o planejamento de projetos e de ações de desenvolvimento socioeconômico, garantindo a sobrevivência dessas famílias.

Agradecimentos:

Os autores agradecem aos pescadores que colaboraram com o presente estudo, também à Rede ASA de Estudos Sociais, Ambientais e de Tecnologias para o Sistema Produtivo da Região Sudoeste de Mato Grosso, vinculada à Rede Pró-Centro-Oeste, MCT/CNPq/FNDCT/FAPs/MEC/CAPES Nº 031/2010 pelo apoio financeiro.

Referências

BEZERRA, D. O. S.; OLIVEIRA, H. T. Impactos socioambientais no rio Paraguai, Cáceres, Mato Grosso, Brasil, percepção dos pescadores da Colônia Z – 2. **Ciência & Educação**. v. 17, n. 4, p. 957-973. 2011.

BONI, V.; QUARESMA, S. J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Revista eletrônica dos pós-graduandos em Sociologia Política da UFSC**. v. 2 n. 1, p. 68-80. 2005.

BRANDÃO, C. R. **O que é educação?** 25. ed. São Paulo: Brasiliense, 2001.

BRASIL. Ministério da Pesca e Aquicultura. **Boletim Estatístico da Pesca e Aquicultura**. 2011. Disponível em: <http://www.mpa.gov.br/images/Docs/Informacoes_e_Estatisticas/Boletim>. Acesso em: 15 maio 2012.

BRUGGER, P. O vôo da águia: reflexões sobre método, interdisciplinaridade e meio ambiente. **Educar**. n. 27, p. 75-91. 2006.

CLAVAL, P. **A Geografia cultural**. Florianópolis: UFSC, 1999.

COSTA, M. F. Alexandre Rodrigues Ferreira e a capitania de Mato Grosso: imagens do interior. **História Ciência e Saúde**. v. 8, p. 993-1014. 2001.

COSTA, R. V. **Percepção ambiental de pescadores do rio Teles Pires em Alta Floresta-MT: um diálogo com a educação ambiental**. 2009. 112 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Ambientais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais. Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, Cáceres, MT. 2009.

FERREIRA, M. S. F. D. **A comunidade de Barranco Alto: diversidade de saberes às margens do rio Cuiabá**. 1995. 138 f. Dissertação (Mestrado em Educação Pública) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Instituto de Educação, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, MT, 1995.

HAGUETTE, T. M. F. **Metodologias qualitativas na Sociologia**. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Censo Demográfico 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Técnicas de pesquisa**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 1996.

LIMA, A. M. **Um estudo com pescadores pantaneiros de Cáceres/MT: o rio Paraguai como elemento educativo**. 2004. 102 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Instituto de Educação, Universidade Federal de Mato Grosso, UFMT, Cuiabá – MT. 2004.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento científico: pesquisa qualitativa em saúde**. 2 ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco, 1993.

NETTO, S. L.; MATEUS, L. A. F. Comparação entre a pesca profissional-artesanal e pesca amadora no Pantanal de Cáceres, Mato Grosso, Brasil. **Boletim do Instituto de Pesca**. v. 35, n. 3, p. 373-387. 2009.

NEVES, J. L. Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades. **Caderno de Pesquisa em Administração**. v. 1, n. 3. 1996.

PINHEIRO, T. T. **Um modo de produção no espaço do ribeirinho**: Um estudo do Distrito de Nazaré/RO. In: XXI Encontro Nacional de Geografia Agrária. UFU, Uberlândia, MG: 2012.

SILVA, R. V. **Uso e ocupação da margem esquerda do rio Paraguai e a percepção ambiental de usuários do município de Cáceres, Mato Grosso**. 2011. 110 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Ambientais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais. Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT. Cáceres – MT. 2011.

SILVA, R. V.; SOUZA, C. A. Ocupação e degradação na margem do rio Paraguai em Cáceres, Mato Grosso. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**. v. 8, n. 1, p. 125-152. 2012.

VIANA, I. G. **Rio Cuiabá**: espaço de vida da comunidade de Cuiabá Mirim, Pantanal matogrossense. 2008. 116 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Ambientais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais. Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, Cáceres – MT. 2008.

Artigo recebido em 28-02-2014
Artigo aceito para publicação em 10-07-2014